

CHASQUE DO IMPERADOR

por

Simões Lopes Neto

— Quando foi do cerco de Uruguaiana pelos paraguaios em 65 e o imperador Pedro 2º veio cá, com toda a frota da sua comitiva, andei muito por esses meios, como vaqueano, como chasque, como confiança dele; era eu que encilhava-lhe o cavalo, que dormia atravessado na porta do quarto dele, que carregava os papéis dele e as armas dele.

Começou assim: fui escalado para o esquadrão que devia escoltar aquele estadão todo.

Quando a força apresentou-se ao seu general Caxias, o velho olhou... olhou... e não disse nada.

Cada um, firme como um tarumã; as guascas, das melhores, as garras, bem postas, os metais, reluzindo; os fletes tosados a preceito, a cascaria aparada... e em cima de tudo, — tirante eu — uma indiada macanuda, capaz de bolear a perna e descascar o facão até pra Cristo, salvo seja!...

Pois o velho olhou..., olhou..., e ficou calado. E calado saiu.

O tenente que nos comandava, relanceou os olhos como numa sufocação e berrou:

— Firme! E dando um torcicão forte na banda, começou a mascar a pêra, furioso.

E ali ficamos; de vez em quando um bagual escarceando, refolhando, escarvando...

Daí a pouco, de em frente, das casas, veio saindo unia gentama, muito em ordem, de a dois, de a três.

Na testa vinha um homem alto, barbudo, ruivo, de olhos azuis, pequenos, mas mui macios. A esquerda dele, dois passos menos, como na ordenança, o velho Caxias, fardado e firme, como sempre.

O outro, o ruivo, assim a modo um gringo, vinha todo de preto, com um gabão de pano piloto, com veludo na gola e de botas russilhonas, sem esporas.

Pela pinta devia ser mui maturrango.

Não trazia espada nem nada, mas devia ser um maioral porque todos os outros se apequenavam pra ele. Quem seria?...

O tenente descarregou umas quantas vezes; e nós estávamos como corda de viola!...

O ruivo passou pela nossa frente, devagar; mirou um flanco e outro, e falou com o velho, mostrando um ar risonho no rosto sério.

O velho acenou ao tenente, que tocou o cavalo e firmou a espada em continência.

Então o ruivo disse:

— `Stá bem, sr. tenente; estou satisfeito! Mande-me aqui um dos seus homens, qualquer...

— O tenente bateu a espada e deu de rédea, e parou mesmo na minha frente... eu era guia da fila testa.

— Cabo Blau Nunes! Pé em terra! Um!... Dois!...

Estava apeado e perfilado, com a mão batendo na aba levantada do meu chapéu de voluntário.

— Apresente-se!

E baixinho, fuzilando nos olhos, boquejou-me: — aquele é o imperador; se te enredas nas quartas, defumo-te!

Oral... Caminhei firme e quando cheguei a cinco passos do ruivo, tornei a quadrar o corpo, na postura dos mandamentos.

Aí o velho Caxias perguntou:

— Sabes a quem falas?

— Diz que ao senhor imperador!

— Sua majestade o imperador, é que se diz.

— A sua majestade o imperador!

Vai então, o tal, que pelo visto, era mesmo o tão falado imperador, disse, numa vozinha fina:

— Bem; cabo, você vai ficar na minha companhia; há de ser o meu ordenança de confiança. Quer?...

— O senhor imperador vai ficar mal servido: sou um gaúcho mui cru; mas para cumprir ordens e dar o pelego, tão bom haverá, melhor que eu, não!

Aí o homem riu-se e o velho também. E vai este indagou:

— Conheces-me?

— Como não?!... Desde 45, no Ponche Verde; fui eu que uma madrugada levei a vossa excelência um ofício reservado, pra sua mão própria... e tive que lanhar uns quantos baianos abelhudos que entenderam de me tomar o papel... Vossa excelência mandou-me dormir e comer na sua barraca, e no outro dia me regalou um picaço grande, mui lindo, que...

— Bem me parecia, sim... E ainda és o mesmo homem?

— Sim, sr., com algum osso mais duro e o júizo mais tironeado!

— É que sua majestade vai precisar de um chasque provado, seguro... há perigo, na missão...

— Uê! seu general!... Meu pai e minha mãe hoje, é esta!

E beijei a minha divisa de cabo.

O imperador pôs a mão no meu ombro e disse:

— Estimo-te. Podes ir... e cala-te.

E vancê creia... — que diabo! — tive um estremeção por dentro!...

Eu pensava que o imperador era um homem diferente dos outros... assim todo de ouro, todo de brilhantes, com olhos de pedras finas...

Mas, não senhor, era um homem de carne e osso, igual aos outros... mas como *quera...* uma cara tão séria... e um jeito ao mesmo tempo tão sereno e tão mandador, que deixava um qualquer de rédea no chão!...

Isso é que era!...

Fiz meia-volta e fui tomar o meu lugar; o esquadrão desfilou, apresentando armas e fomos acampar. Logo a rapaziada crivou-me de perguntas... mas eu, soldado velho, contei um par de rodela, queimei campo a boche, mas não afrouxei nada da conversa; não vê!...

De tardezita já entrava de serviço.

A não ser nas conversas particulares daqueles graúdos — pois tudo era só seu barão, seu conselheiro, seu visconde, seu ministro —, eu sempre via e ouvia o que se passava.

E a bem boas assisti.

Um dia apresentaram ao imperador um topetudo não sei donde, que perguntou, mui concho:

— Então vossa majestade tem gostado disto por aqui?

— Sim, sim, muito!

— Então por que não se muda pra cá, com a família?...

Outro, no meio da roda, puxou da traíra, sovou uma palha de palmo, e começou a picar um naco; esfregou o fumo na cova da mão, enrolou, fechou o baio e mui senhor de si ofereceu-o ao imperador.

— É servido?

— Não, obrigado; parece-me forte o seu fumo...

— Não sabe o que perde!... Então, com sua licença!...

E bateu o isqueiro e começou a pitar, tirando cada tragada que nuveava o ar!

Havia um que era barão e comandava um regimento, que era mesmo uma flor; tudo moçada parelha e guapa.

O imperador gabou muito a força, e aí no mais o barão já lhe largou esta agachada:

— Que vossa majestade está pensando?... Tudo isto é indiada coronilha, criada a apoio, churrasco e mate amargo... Não é como essa cuscada lá da Corte, que só bebe água e lambe a... barriga!...

Este mesmo barão, duma feita que o d. Pedro procurou no bolso umas balastracas para dar uma esmola e não achou mais nada, desafivelou a guaiaca e entregando-a disse:

— Tome, senhor! Cruzes! Nunca vi homem mais mão-aberta do que vossa majestade..., olhe que quem dá o que tem, a pedir vem... mas... quando quiser os meus arreios prateados... e até a minha tropilha é só mandar... só reservo o tostado crespo e um qualquer pelego...

— Mas, sr. barão, nem por isso eu dou o que desejara...

— Ora qual!... Vossa majestade não dá a camisa... porque não tem tempo de tirá-la!...

Numa das marchas paramos num campestre, na beira dum passo, perto dum ranchito.

Daí a pouco, com uma trouxinha na mão apareceu no acampamento uma velha, que já tinha os olhos como retovo de bola. Por ali andou mirando, e depois entrando mesmo no grupo onde ele estava, disse:

— Bom dia, moços! Qual de vocês é o imperador?

— Sou eu, dona! Assente-se.

A velha olhou-o de alto a baixo, calada, e depois rindo nos olhos:

— Deus te abençoe! Nossa Senhora te acompanhe, meu filho! Eu trago-te este bocadinho de fiambre!

E abrindo o pano, mui limpinho, mostrou um requeijão, que pela cor devia de estar um gambelo, de gordo e macio. D. Pedro agradeceu e quis dar uma nota à velha, que parou patrulha.

— Não! não!... Tu vais pra guerra... Os meus filhos e netos já lá andam... Eu só quero que vocês não se deixem tundar!...

Houve uma risada grande, da comitiva. A velhota ainda correu os olhos em roda e indagou:

— Diz que o seu Caxias também vem aqui... quem é?

— Sou eu, patrícia!... Conhece-me?

— De nome, sim, senhor. O meu defunto, em vida dele, sempre falava em vancê... Pois os caramurus iam fuzilar o coitado, quando vancê apareceu... Lembra-se?... E vai, quando o seu general Canabarro fez a paz entre os farrapos e os legais, o meu defunto jurou que onde estivesse o seu Caxias, ele havia de ir... mas morreu, pro via dum inchume, que apareceu, aqui, lá nele. Mas, como por aqui, correu que vancê ia pra guerra dos paraguaios, o meu filho mais velho, em memória do pai, ajuntou os irmãos e os sobrinhos e uns quantos vizinhos e se tocaram todos, pra se apresentarem de voluntários, a vancê!... Vancê dê notícias minhas e bote a benção neles; e diga a eles que não deixem o imperador perder a guerra... ainda que nenhum deles nunca mais me apareça!... Bem! com sua licença... Seu

imperador, na volta, venha pousar no rancho da nhã Tuca; é de gente pobre, mas tudo é limpo com a graça de Deus... e sempre há de haver uma terneira gorda pra um costilhar!... Passar bem! Boa viagem... Deus os leve, Deus os traga!...

O imperador — esse era meio maricas, era! — abraçou a velha, prometendo voltar, por ali, e quando ela saiu, disse:

— Como é agradável esta rudeza tão franca!

Numa cidade onde pousamos, o imperador foi hospedado em casa dum fulano, sujeito pesado, porém mui gauchão.

Quando foi hora do almoço, na mesa só havia doces e doces... e nada mais. O imperador, por cerimônia provou alguns; a comitiva arriou aqueles cerros açucarados. Quando foi o jantar, a mesma cousa: doces e mais doces!... Para não desgostar o homem, o imperador ainda serviu-se, mas pouco; e de noite, outra vez, chá e doces!

O imperador, com toda a sua imperadorice, gurniu fome!

No outro dia, de manhã, o fulano foi saber como o hóspede havia passado a noite e ao mesmo tempo acompanhava uma rica bandeja com chá e... doces...

Aí o imperador não pôde mais... estava enfarado!...

— Meu amigo, os doces são magníficos... mas eu agradecia-lhe muito se me arranjasse antes um feijãozinho... uma lasca de carne...

O homem ficou sério... e depois largou uma risada:

— Quê! Pois vossa majestade come carne?! Disseram-me que as pessoas reais só se tratavam a bicos de rouxinóis e doces e pasteizinhos!... Por que não disse antes, senhor? Com trezentos diabos!... Ora esta!... Vamos já a um churrasco... que eu, também, não aguento estas porquérias!...